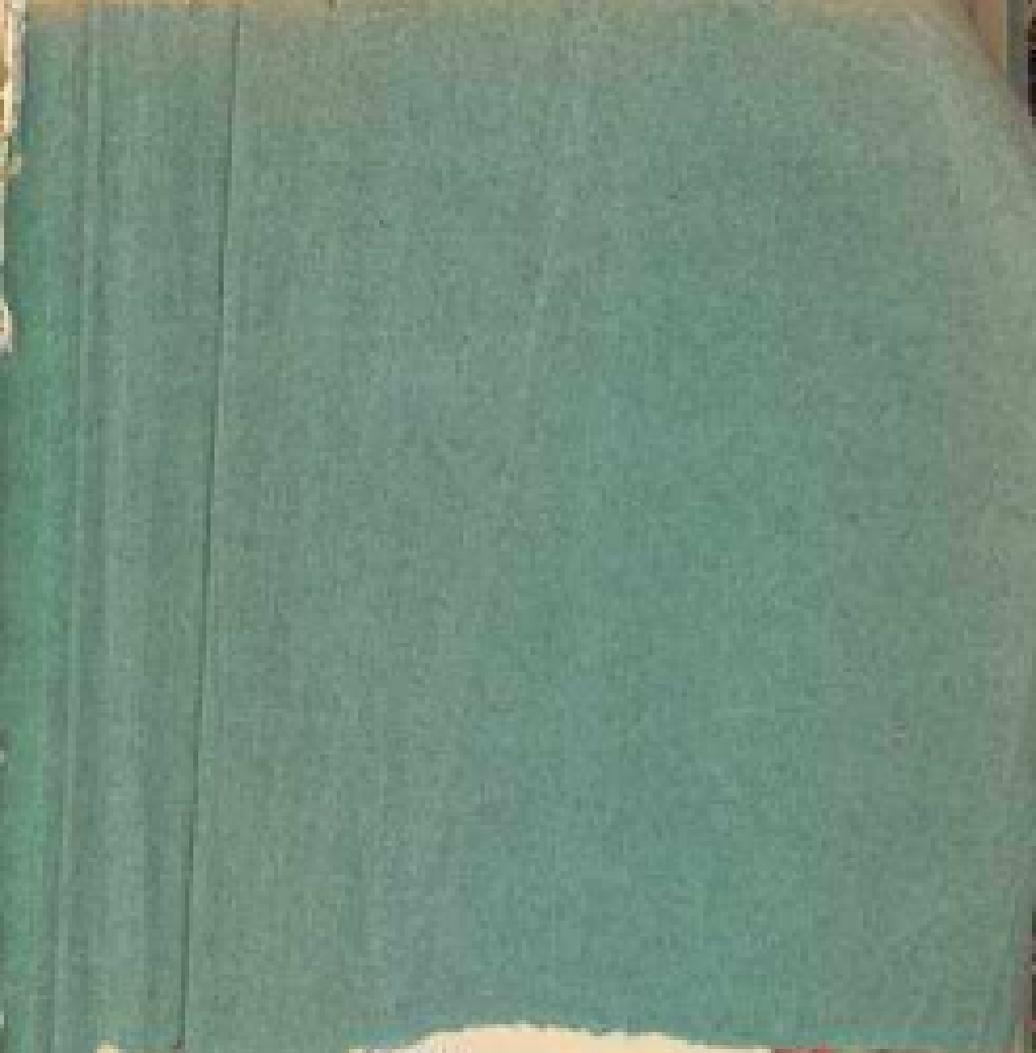


YORA

CRANEA

1875





... DE 1938



~~1. N.º 1111~~

# CARTA

AO ILL.<sup>mo</sup> E EX.<sup>mo</sup> SR.

## AUGUSTO SOROMENHO

REFUTANDO-LHE

UMA SUA OPINIÃO Á CERCA DE UM FONTO DE HISTORIA  
E DE GEOGRAPHIA ANTIGA DA LUSITANIA

POR

ANTONIO FRANCISCO BARATA.

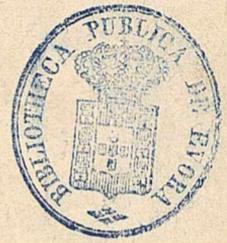


*P. H. 802*  
*6.023*



B  
6.848

61-6.023



ILL.<sup>MO</sup> E EX.<sup>MO</sup> SR.

Um prazer grande senti quando V. Ex.<sup>a</sup> teve a bondade de me observar, por escripto, que eu laborava 'num erro historico, collocando uma cidade da Lusitania 'num lugar, devendo ser 'noutro.

E senti satisfação por V. Ex.<sup>a</sup> vir despertar em mim o gosto que sempre tive de esmiuçar controvertidos pontos historicos. Disse logo a V. Ex.<sup>a</sup> que respondia e agora o faço.

Sahiu-me, porém, tão dilatada a resposta, que inconveniente fora envial-a a V. Ex.<sup>a</sup> manuscripta. Menos incommoda lhe será a leitura indo impressa.

E porque o assumpto é curioso para amadores de antiguidades, e qualquer de nós deseja encontrar a verdade, proprio me parece que não seja conhecida só de nós dois esta divergencia, que até pode ser elucidada por algum sabedor de historia e de geographia antiga.

Todos podemos aprender.

Releve V. Ex.<sup>a</sup> o publicar eu a sua carta sem previamente lhe pedir venia, como fôra mais curial, mas a isso se oppoz a repetida circumstancia de o não encontrar só, depois que me resolvera a fazer esta publicação.

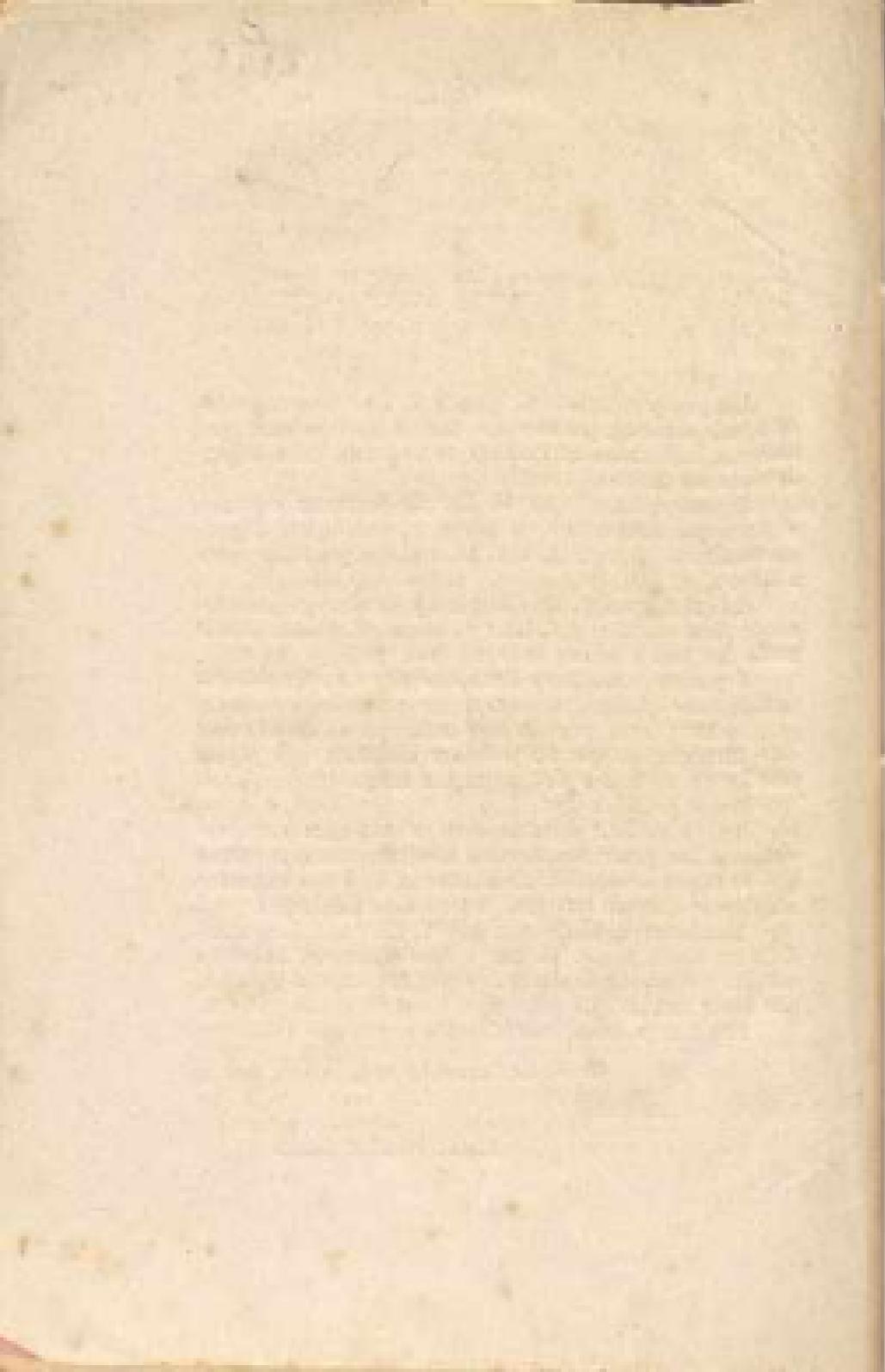
A extrema bondade com que V. Ex.<sup>a</sup> me trata agradeço eu cordealmente. De um mestre illustrado, amigo do estudo, e como eu devotado á causa dos seculos volvidos, não havia mesmo que esperar se não animadoras palavras.

Sou com a maior consideração e respeito

De V. Ex.<sup>a</sup> creado e amigo admirador

Lisboa, 15 de Setembro de 1869.

Antonio Francisco Barata.



MEU CARO BARATA

È quasi uma hora da noite. Em quanto v. dorme e sonha com a felicidade que eu lhe appetço, aproveito a unica folha de papel que encontro para lhe fallar da Eminio.

Eu tinha lido o seu artigo ácerca da Eminio e da Conembrica, e conservava uma ideia de que o meu amigo não adiantára em nada a questão. Ouvindo-o, porem, fallar-me ante-hontem com uma intimativa, reveladora d'uma grande convicção, eu, que respeito muito a sinceridade das crenças de qualquer homem, mas principalmente as d'um homem intelligente, fiquei um pouco mal commigo e accusando-me intimamente de haver commettido pela primeira vez o peccado de «ter lido por alto». Cheguei, portanto, a casa, e fui ler. O peccado, meu caro Barata, não existia, nem venialmente; eu tinha lido bem.

Você quer que Eminium ou Aeminium fosse onde está Agueda? Eu lhe digo: Plinio, enumerando as terras principais da Lusitania (que começava no rio Douro) e começando pelo Norte, diz «*Flumen Vacca, oppidum Talabrica, oppidum et flumen Eminium, oppida Conimbrica,...*»

Faça-me o favor de encaixar em Agueda *oppidum et flumen Eminium*, que lhe dou um doce. A crença de que a actual Coimbra corresponde á Eminium não é nova, Em 1789, Juan Lopes, no seu *Mappa de la Lusitania antiqua*,

diz: «Conembrica, Condeixa a Velha, Aeminim, Coimbra,» O mesmo dizem Bischoff e Möller (*Wörterbuch. d. alt. Geogr.*) Graesse (*Orbis romanus*) e ainda em 1862 D. Eduardo de Saavedra no seu *Estudio sobre los Itinerarios romanos* dá a mesma correspondencia, com que concordou D. Aureliano Guerra.

Acha o meu amigo que, a ser verdadeira a lição do concilio VIII de Toledo, a existencia de um *Colimbricensis episcopus* destruiria a sua opinião. Veja se arranja isso com os seguintes factos:

Em 589 subscreve o concilio III *Possidonius Eminiensis episcopus*. Quarenta e quatro annos depois, em 633, no concilio IV assigna *Renatus ecclesiae Conimbricensis archipresbyter, agens vicem domine mei Ermulfi, episcopi*, cinco annos depois, em 638 este mesmo Renato assiste ao VI concilio como *Ecclesiae Conimbricensis Episcopus*, e d'ahi por diante apparecem sempre bispos de Coimbra. Que revolução fez desaparecer a sede de Emino em 44 annos?

Supponho que algum Ataces, como aquelle que Brito eosinhou e o meu amigo comeu, destruiria a celebre cidade, de maneira que nem em Agueda ficaram vestigios de que ali foi Troya!

Por ultimo, Agueda só ao favor d'uma interpoção no Itinerario, deve as honras de ser Eminium. Rezende, Brito, Cunha, Silveira e outros podem de X fazer XL: o meu amigo não deve. Todos os melhores codices indicam MPM.X de Conembriga a Emino e MPM.XL d'esta a Talabriga.

Não estou para mais.

Prouvera a Deus que só esta vez fallasse a um dormente! mas tenho fallado e continuarei a fallar, a tantos que me escutam com os olhos abertos e com o miolo a dormir, que sinto um prazer singular de escrever a um que a estas horas dorme com os olhos do corpo e vela com os da intelligencia!

Deus lhe dê a felicidade, que lhe deseja o  
seu amigo

20 Agosto de 1869.

A. S.

# C A R T A

AO ILL.<sup>mo</sup> E EX.<sup>mo</sup> SR.

## AUGUSTO SOROMENHO

REFUTANDO UMA OPINIÃO SUA SOBRE UM PONTO DE HISTORIA  
E DE GEOGRAPHIA ANTIGA DA LUSITANIA.

Sem querer dar a estas linhas foros de controversia, mas desejando unicamente expôr algumas opiniões contrarias ás de V. Ex.<sup>a</sup> e que me induziram a mim a acceitar a opinião de Rezende: *erat autem in Codice Antonini numerus transpositus et præpostere mutatus*, (1) consinta, pois, que eu o incommode com algumas citações.

Antes, porém, devo dizer com relação ao credito que devemos aos escriptores estrangeiros e aos nossos, que maior fé merecem, a meu juizo, os ultimos do que os primeiros. Aquelles, escrevendo muitas vezes por singellas e inexactas informações, outras, visitando fugitivamente os logares e recebendo nelles explicações menos certas, trucam muito de falso, embora sejam respeitaveis por sua critica judiciosa e conhecimentos adequados, e pela precisão com que tratam assumptos cujos monumentos conhecem; estes, escrevendo sobre monumentos e terras (Epigraphio-geographia) que de sciencia certa conhecem, que veem, observam, estudam e explicam, com mais certeza devem, sem duvida, escrever, do que os outros.

De bases, ou principios falsos, falsas hão de ser as consequências, a despeito da muita sciencia, hermeneutica, e até exegetica (se precisa for) que possam ter esses estrangeiros.

Eu creio n'isto.

(1) « André de Rezende, o maior e mais judicioso antiquario português do seculo XVI, no seu famoso tratado das Antiquidades Lusitanas escripto na lingua latina deu grande impulso a essa applicação do estudo da litteratura grega e romana a illustrar a historia, e principalmente, a *geographia antiga* do occidente da Peninsula. Os quatro livros *De Antiquitatibus Lusitaniae* são o nosso mais antigo quadro das tribus que estanceavam entre o Guadiana e o Douro na occasião da conquista romana, bem como o são das divisões civis do territorio, da sua *hydographia* interior e da *situação das cidades e povoações* que outr'ora aquí existiram.»

Sr. A. Herculano, *Historia de Portugal*, T. 1.<sup>o</sup>  
Introdução, pag. 7 e 8.

Defeito antigo é este (que se não dá em V. Ex.<sup>a</sup>, em quem uma reconhecida intelligencia, vastidão de conhecimentos e não menos amor ás nossas cousas, põe ao abrigo de arguições) de suppormos bom, melhor do que o nosso, tudo o que fôr estrangeiro, como disse o poeta:

Esta nação portugueza  
O nada estrangeiro estima  
O muito dos seus despreza.

Supponho que foi Sá de Miranda quem assim se queixou.  
Do Tolentino sei eu que são estas quintilhas:

Chegou monsieur de tal  
Chimico em Paris formado;  
Trás segredo especial;  
Um elixir approvedo  
Um remedio universal:

Não pretende ajuntar fundo  
Co'os grandes segredos seus,  
E cheio de dó profundo  
Tira pelo amor de Deus  
Os dentes a todo o mundo.

Se V. Ex.<sup>a</sup> quizer não lhe faltará a quem applique *el cuento*.

Muitos sabios estrangeiros não querem tirar-nos os dentes porque já nos julgam desdentados, incapazes de morder um cartuxo scientifico.

Espingardeiam-nos com armas de agulha que dão muitos tiros e fazem muito fumo em pouco tempo, tentando involver-nos em crassa neblina *allema*.

Deixando, porém, estas considerações, que iam resvalando do serio d'este escripto, permitta V. Ex.<sup>a</sup> que eu desfaça suas razões e seus argumentos.

Bem conheço eu, desconhecido artista, quão deveis são minhas forças e apoucados meus conhecimentos, maiormente os linguisticos, para entrar em taes assumptos. Valha-me a divisa que tomo: *audaces fortuna juvat*.

Em tres partes dividirei eu este trabalho, para poder ser nelle claro e logico. Mostrarei na primeira, que a *Eminio* existio de facto, sem o que, tudo o mais que eu dissesse seria edificar na areia; na segunda, mostrarei o logar onde existio; e na terceira, quando e como desapareceria.

Strabão, que viveu ahí por 50 antes de nascer Christo, tratando da Lusitania não menciona a *Eminio* nem como cidade nem como rio <sup>(2)</sup>.

Mas desde Plinio, que nasceu 23 annos depois de Christo, e que descrevendo a Lusitania já falla na *Eminio* como uma das melhores cidades que por esse tempo havia, até ao ultimo geographo que della tratasse, sobejas são as provas de sua existencia <sup>(3)</sup>.

Longo estendal de auctores podia eu apresentar aqui, se não fôra isso um inutil alardear de sciencia que não tenho.

Deixando, porém, os antigos que já conheciam a *Eminio*, mostrarei agora que os nossos a acceitaram da antiguidade sem a menor duvida.

André de Rezende, talvez o principal antiquario que tivemos no bom seculo de quinhentos, affirma claramente a existencia da *Eminio* <sup>(4)</sup>.

Fr. Bernardo de Brito, na sua *Geographia antiga da Lusitania*, affirma a existencia desta cidade, allegando Ptolomeu e Antonino <sup>(5)</sup>.

Gaspar Barreiros em sua *Chorographia* não é menos claro a este respeito <sup>(6)</sup>.

Gaspar Estação é do mesmo parecer, dizendo expressamente que existio a *Eminio* <sup>(7)</sup>.

Vasconcellos então é o mais explicito possivel a tal respeito <sup>(8)</sup>.

O P.<sup>e</sup> Antonio Carvalho da Costa, em sua *Chorographia* falla tambem na *Eminio* e crê na sua existencia <sup>(9)</sup>.

O erudito Francisco Leitão Ferreira, no seu *Catalogo dos*

(2) «*Deinceps post Tagum nobilissima flumina sunt Mulliadas paruas habens nauigationes. Itidem vacua fluvius, post quos Durius.*»  
Ediç. de 1523. L. 3.<sup>o</sup> pag. 107.

(3) Plinio Segundo, *Nat. Hist.* Ediç. de 1683, T. 1.<sup>o</sup> pag. 492.

=Antonino Pio. *Itinerario*, qualquer edição.

=Joanne Vasaeo. *Rerum Hispaniae Memorabilium Annales*. Ediç. de 1577, cap. 20, pag. 193. Além destes, muitissimos.

(4) *De Antiquit. Lusit.* T. 1.<sup>o</sup> pag. 358. Ediç. de Coimbra.

(5) *Monarchia Lusitana*, primeira ediç. T. 1.<sup>o</sup> folhas 5 *in fine*.

(6) Pag. 48, v.

(7) Ediç. de 1625, pag. 225.

(8) Jacobi Menaetius Vasconcelius, *in Scholii ad Rezendum*. Ediç. de 1593, folhas 249.

(9) T. 2.<sup>o</sup> pag. 128.

*Bispos de Coimbra*, como qualquer dos mencionados a referer tambem <sup>(10)</sup>.

Francisco do Nascimento Silveira, no seu *Mappa Breve da Lusitania Antiga* acceita do mesmo modo a opinião da existencia da *Eminium* <sup>(11)</sup>.

Longo e fastidioso se tornaria este enumerar de escriptores, de boa nota quasi todos, que, como ponto incontroverso, nos fallam em seus escriptos da extincta cidade romana.

Não havendo, pois, duvida sobre este ponto, entrarei na segunda parte d'esta replica, a mais importante das tres, por ser 'nella que eu hei de desfazer completamente as observações e duvidas de V. Ex.<sup>a</sup> ácerca do assento da cidade que o sabio allemão Hübner, e V. Ex.<sup>a</sup> com elle, collocam onde ella nunca existio.

## II

A primeira duvida que V. Ex.<sup>a</sup> me apresenta, depois de copiar o que diz Plinio: *Flumen Vacca, Oppidum Talabrica, Oppidum et flumen Eminium, Oppida Conimbrica...* é não ter podido encaixar em Agueda *Oppidum et Flumen Eminium*, e prometter-me um doce se eu o fizesse. Faço, sim, senhor; e por modo tal o farei que bem espero merecer de V. Ex.<sup>a</sup> a promettida lambarice. Ora ouça V. Ex.<sup>a</sup>:

A povoação de Agueda, hoje muito decabida de uma certa importancia geographica que teve antes dos caminhos de ferro, é banhada por um rio de não somenos corpo do Vouga, e que, ou recebe da terra o nome que tem, ou elle proprio lh'o dá a ella, por isso que tambem se chama *Agueda* <sup>(12)</sup>.

Ora, sendo certo, como é, que a villa de *Agueda* essenta na margem, ou margens de um rio tambem chamado *Agueda*, nada mais fácil de accuitar do que este rio e esta povoação como legitimos successores de *Oppidum et flumen Eminium*, de Plinio Segundo.

<sup>(10)</sup> *Memorias da Academia de Historia Portugueza*, pag. 186.

<sup>(11)</sup> Vid. pag. 213.

<sup>(12)</sup> «... o rio Agueda, que leva tanta agua como elle (Vouga) se mette no mar em Aueiro, despojando do nome e das aguas ao Agueda, que antigamente se chamava *Eminiū* assi como tãbẽ se chamava hũa cidade por a qual elle passava, que já foi Episcopal...»

Duarte Nunes de Leão — *Descripção do Reino de Portugal*.

Ediç. de 1610 pag 36.

— «... recolhendo em si as aguas (o Vouga) de muitos rios principalmente de Agueda, que os antigos chamarão *Euminium*...»

Brito — *Geographia Antiga da Lusitania* no T. 1.º da *Monarchia Lusitana*, folhas 5 in fine.

Eu sei que alguns escriptores houve que, levados, sem critica, pelo dizer de Plinio, acceitaram a situação que elle parece dar á *Eminium*, no sitio onde hoje está Coimbra, sem repararem, ou ignorando, que no tempo em que Plinio escreveu ainda não existia povoação alguma nas terras aonde hoje estancía Coimbra, e desconhecendo tambem a existencia do rio Agueda.

A actual Coimbra foi fundada depois da destruição de *Conimbrica* em 468 <sup>(13)</sup>, e Plinio havia morrido em 79, levado da curiosidade scientifica de observar a erupção do Vesuvio.

Se foi *Ataces* quem destruiu *Conimbrica* e nas margens do *Mulliadras*, *Monda*, ou *Mondego* edificou a presente Coimbra, não sei, nem facil se me antolha o averigual-o bem; mas, no que eu creio é em que não foi Brito quem *cosinhou* este monarcha suevo ou alano *que eu comi*, como V. Ex.<sup>a</sup> diz, por isso que o outro destruidor, ou conquistador de *Conimbrica*, *Remismundo*, repetidas vezes vem mencionado no *Chronicon* de Idacio; e se este não foi creação do illustrado filho de S. Bernardo, não vejo eu, nem verá ninguem o para que o gerou elle.

Admira-se V. Ex.<sup>a</sup> de não conhecer bispo algum da *Emínio* depois do 3.<sup>o</sup> Concilio de Toledo, celebrado em 589, succedendo-lhe os bispos de Coimbra, d'onde V. Ex.<sup>a</sup> desume, duvidoso de sua existencia, que a actual Coimbra foi essa decantada *Eminium* dos Romanos. Não foi.

A *Eminium* existiu aonde agora está a villa de Agueda.

Antes de exuberantemente o demonstrar, convido V. Ex.<sup>a</sup> a ler em nota o que Duarte Nunes de Leão escreve ácerca do completo desaparecimento de algumas importantes cidades da Lusitania, e o sr. Dr. Antonio Augusto da Costa Simões, do antigo e tão celebrado mosteiro da Vaccariça, ou Bubulense, do qual não ha o menor vestigio <sup>(14)</sup>.

Para tirar do espirito de V. Ex.<sup>a</sup> toda e qualquer duvida

(13) «*Conimbrica in pace decepta diripitur: domus destruuntur; cum aliqua parte murorum, habitatoribusque captis atque dispersis, et regio desolatur et civitas.*»

Idacio, *Chronicon* — na *Hespanha Sagrada*, T. 4.<sup>o</sup>

(14) «Ninguem sabe agora onde foi a Troia, nê Athenas, nê Corintho. Nem ha quem dee fê que visse algum vestigio d'aquella Babilonia que era hum dos espantos do mudo. Tal aconteceo a algũas cidades da Lusitania de que não ficou mais memoria que o nome que tiverão. Colippo foi cidade nobre de que os Geographos fazem muita menção, que teue o sitio junto á cidade de Leiria... Talabrica foi junto a Aueiro na ribeira de Vouga onde agora ha hum lugarinho que se chama Cacia... que não ha mais que esta memoria...»

*Descripção do Reino de Portugal*, Ediç. de 1610, pag. 13.

— Do sr. Dr. Costa Simões, vid. uma Memoria no *Instituto* de Coimbra, sobre a historia do Mosteiro da Vaccariça.

a este respeito, mencionarei aqui primeiramente os Bispos da *Eminio* e de *Coimbra* de que tenho conhecimento na Lusitania, durante o dominio dos Godos, para depois melhormente poder confrontar nomes e datas:

ANNO	EMINIO	ANNO	COIMBRA
411	1.º Concilio de Braga, para alguem duvidoso. Assistiu a elle o Bispo <i>Gelasius Eminiensis</i> . <sup>(15)</sup>	411	1.º Concilio de Braga controvertido. Assignou-o o Bispo de Coimbra <i>Eli-pando</i> . <sup>(17)</sup>
569	Concilio de Lugo. Fez-se nelle a conhecida divisão de Theodemiro, passando a <i>Eminio</i> a ser parochia de Coimbra. <sup>(16)</sup>	561	1.º Concilio de Braga. Subscreevo-o <i>Lucentius</i> .
589	3.º Concilio de Toledo em que subscreevo <i>Possidonius Eminiensis Ecclesiae Episcopus</i> .	572	2.º de Braga. Apareceu alli o mesmo-o <i>Lucentius</i> .
		633	4.º Concilio de Toledo. Assignou-o <i>Renatus</i> presbyter, Vicarius Ermulfi <i>Episcopi Coimabriensis</i> subscripsi.
		638	6.º Concilio de Toledo. Assignou-o <i>Renatus</i> .
		653	8.º Concilio de Toledo. Assignou-o <i>Sisebertus</i> .
		666	Concilio Emeritense. Assignou este Concilio <i>Cantaber</i> .
		683	13.º Concilio de Toledo. Assignou-o <i>Miro</i> .
		688	15.º Conc. de T. <i>Miro</i> .
		693	16.º Conc. de T. <i>Emilla</i> .

<sup>(15)</sup> «Tire embora pois a escrupulosa Critica a infallivel conclusão de ser *falso* e *supposto* este Concilio, com o fundamento de que Fr. Bernardo o addicionou, e de facto o imprimiu com as sobscrições; mas prove-nos primeiro, que aquella addição fingida, e accidental, destroe a substancia, e torna fabuloso a um documento descoberto sem ella, mais de doze annos antes de se imprimir, e escripto em dois Codices antigos por differentes mãos, e em differentes tempos, muito primeiro de Fr. Bernardo vir ao mundo.»

Francisco Leitão Ferreira — *Dissertação Apologetica nas Memorias da Academia da Historia Portugueza*, pag. 186.

<sup>(16)</sup> «Ad (cathedram) Conimbricencem (ecclesiae quae in vicino sunt :) Conebrei, *Eminio*, Lutbine, Insula, Autunane & Portucale Castrum anticum.»

*Collectio Conciliorum Hispaniae* — Madriti, 1593.

<sup>(17)</sup> Vid. *Monarchia Lusitana* liv. 6.º

Se eu provar agora pela confrontação que vou fazer, que antes de 589 já existiam Bispos de Coimbra, é claro que não podiam começar depois deste anno, como V. Ex.<sup>a</sup> quer, ou pondera. De longe vinham já.

Devendo ter-se como verdadeiro o 1.<sup>o</sup> Concilio de Braga, segundo diz Leitão Ferreira, o argumento não póde ter replica. Mas começarei :

Em 561, 28 annos antes do 3.<sup>o</sup> Concilio Toletano, já no 1.<sup>o</sup> authenticico de Braga appareceu o Bispo de Coimbra *Lucencio*; logo, não colhe o que V. Ex.<sup>a</sup> observa.

No 1.<sup>o</sup> Concilio de Braga em 411, appareceram dois Bispos da Lusitania: *Gelasio*, da *Eminio*, e *Elipando*, de Coimbra; logo, 178 annos antes do 3.<sup>o</sup> de Toledo, já as duas Sés existiam, já havia bispos dellas!

Que me diz V. Ex.<sup>a</sup> a isto? Duvida deste Concilio? Havenha-se como poder com Leitão Ferreira, que folegadamente o sustenta.

Mas, duvide V. Ex.<sup>a</sup>, embora; do 1.<sup>o</sup> authenticico de Braga o não faz, certamente.

Diz V. Ex.<sup>a</sup> que todos os melhores codices indicam *MPM. X de Conembriga a Eminio e MPM.XL desta a Talabriga*. Isto não é exacto. Só o Itinerario de Antonino é que marca as distancias de terra a terra. Plinio dá golpes largos: «... *Ab Durio Tagus CCM. passum, interveniente Munda.*»<sup>(18)</sup>

Deixando, porém, isto que eu considero incidente, passo a precisar o local onde esteve a *Eminium*.

Do que fica dito no texto e nas notas, a falta de distancias 'neste Itinerario põe-no fóra do combate no precisar da situação da *Eminio*. Falla 'nelle, mencionando-o depois de *Talabriga*, e nada mais.

O de Antonino Pio é o unico, como já disse, que, mencionando as distancias a que estavam umas das outras terras, nos serve para assignalarmos nos mappas da antiga Lusitania o lugar da *Eminium*.

Passo a analysal-o: São ainda hoje 244:000 passos, ou

(18) Caii Plinii Secundi, *Nat. Hist.* L. 4.<sup>o</sup>

Note v. ex.<sup>a</sup> nesta parte que Plinio diz, errando conhecidamente, que havia 200:000 passos do *Minho* á *Eminio*, quando é certo que a maior distancia que podia haver era a de 40 legoas, ou 160:000 passos. E esta maior distancia era concedendo eu que a *Eminio* fosse a actual Coimbra, o que eu formalmente nego, acceitando, comtudo, a distancia que elle marca do Douro ao Tejo, de *CCM. passum*, ou 50 legoas; que, na verdade, tal é a distancia que separa estes rios.

61 legoas de Lisboa a Braga, contando cada legoa por 4:000 passos romanos <sup>(19)</sup>.

Ponha-se aqui o Itinerario para melhor poder ser estudado.

ITIN. DE ANTONINO ab Olissipone	
Bracaram Augusta.....	CCXLIV
Jerabrica .....	XXX
Scalabim .....	XXXII
Sellium .....	XXXII
Conimbrica .....	XXXIII
Eminium .....	X
Talabrica .....	XL
Langobrica .....	XVIII
Calem.....	XIII
Bracara.....	XXXV

Este Itinerario ainda actualmente regula, com uma tal ou qual pequena differença <sup>(20)</sup>.

Rezende, de quem o sr. A. Herculano escreve o que já na primeira nota expuz, e de quem V. Ex.<sup>a</sup> por certo accetta a competencia, foi quem primeiro reconheceu o engano que no Itinerario havia na troca de distancias <sup>(21)</sup>.

Assim se exprime o illustre antiquario: *Erat autem in codice Antonini numerus transpositus, et præpostere matatus* <sup>(21)</sup>.

A exactidão das antecedentes e das consequentes, levou o nobre antiquario a restabelecer as verdadeiras distancias ás duas cidades *Eminium* e *Talabrica*, não despresando tambem o facto de nenhum geographo antigo ou moderno nos fallar de uma cidade nas margens do Mondego anterior a 468.

<sup>(19)</sup> «... quatro mil passos fazem uma legoa das nossas.»  
Gaspar Estaço — *Ant. da Lusit.* Ediç. de 1625, cap. 87, pag. 305.

= «... o que sempre se ha de tomar cõ a salua de pouco mais, ou menos. Porque assi como as legoas foram postas por hũa cõmum estimaçam em que podia hauer erro: donde vem, que muitas vezes ha legoa tam grande, que tem duas: e duas tam pequenas, que tem hũa...»  
*Idem.*

<sup>(20)</sup> «*Ora plus ora minus.*»

Vid. o mesmo Antonino.

= Vid. tambem a nota antecedente.

<sup>(21)</sup> «... baram mui docto em todo o genero de disciplinas, & grande inuestigador de cousas antigas.»

G. Barreiros — *Chorographia*, pag. 2.

<sup>(22)</sup> *De Antiquit. Lusit.* T. 1.<sup>o</sup>, pag. 359. Ediç. de Coimbra.

E depois, acceitará V. Ex.<sup>a</sup> a existencia de duas Sés Episcopaes a duas leguas uma da outra? Não acceita, não; nem o faz critico algum. A oito legoas, ou nove, sim, em Agueda.

Já vimos o que diz Plinio. Strabão falla no rio *Mullidas*, mas não em povoação alguma. <sup>(23)</sup>. Ptolomeu, menciona o rio *Môda* e não falla em nenhuma cidade. <sup>(24)</sup>. Pomponio Mella faz menos ainda, lemita-se a demarcar a aria da Lusitania <sup>(25)</sup>. Celario, confunde a antiga com a moderna Coimbra. Não diz nada <sup>(26)</sup>.

Desnecessario é allegar mais. Antes de 468 não existia a actual Coimbra.

A emenda na troca de distancias é, pois, esta:

Eminium .....	XL
Talabrica .....	X

Todos os commentadores depois de Rezende acceitaram esta emenda, collocando a *Eminio* a duas legoas e meia de Aveiro, em Agueda <sup>(27)</sup>.

Authenticquem os nossos melhores escriptores e os estranhos mesmo a correcção de Rezende, e seja elle o primeiro <sup>(28)</sup>. Abone Vasconcellos o seu parecer <sup>(29)</sup>. Leiam-se as palavras

<sup>(23)</sup> Strábo. L. 3, pag. 107. Ediç. de 1527. Vid. nota 2.<sup>a</sup>

<sup>(24)</sup> Ediç. de 1545. L. II, cap. 5 pag. 9, e mappa 2.<sup>o</sup>

<sup>(25)</sup> «Lusitania Oceano tantummodo obiecta est sed latere ad septentriones, frôte ad oceanum.»

P. Mella — *Liber secundus* pag. 139. Ediç. de 1522.

<sup>(26)</sup> Vid. Christoph. Cellarii — *Descriptio orbis antiqui*. Ediç. de 1735, pag. 38.

<sup>(27)</sup> «E que Aveyro concervasse desde então o nome de Talabriga, situado nos Turdulos antigos junto ao rio Vouga, se prova do Itin. do Imperador Antonino Pio, que a demarca duas legoas & meya de Eminio, hoje Agueda, que he pontualmente a mesma distancia, em que Aveyro fica.»

Carvalho, *Chrograph*. T. 2.<sup>o</sup> pag. 128.

<sup>(28)</sup> «Fuit autem Aeminio eo loci ubi hodie est oppidum dictum Agatha; seu Agueda,»

*De Antiquit. Lusit.* T. 1.<sup>o</sup> pag. 358.

<sup>(29)</sup> «Talabrica vero fuit prope oppidum maritimum; quod hodie Aveiro dicitur, & sic bene quadrat passum numerus a me restitutus, nam a Condeixa Agatham sunt decem circiter leucæ, & ab Agatha Talabricam duæ cum demidia.»

J. M. Vasconcellius — *In Scholis ad Rezendum*;  
Ediç. de 1593, folhas 249.

de João Vaseo <sup>(30)</sup>. Falle Gaspar Barreiros <sup>(31)</sup>. Attenda-se ao erudito João Hardino <sup>(32)</sup>. Veja-se Leitão Ferreira <sup>(33)</sup>. Francisco do Nascimento Silveira <sup>(34)</sup>. Fr. Leão de S. Thomaz. <sup>(35)</sup> Rocha <sup>(36)</sup>. Severim de Faria <sup>(37)</sup>. e D. Rodrigo da Cunha. <sup>(38)</sup>

<sup>(30)</sup> «Erat aut Eminiū, siue Euminium, ciuitas et flumen eiusdem nominis, inter Conimbricam & Portugallen sem ciuitatem, ut ex Plinio, & clarius ex Antonino Pio constat. Aliqui opinantur, neque inepte, fuisse oppidum illud, quod nunc appellatur Agada, situm ad flumen eiusdem nominis.»

Joanne Vasaeo — *Rerum Hispanie Memorabilium Annales* — cap. 20. pag. 193. Ediç. de 1577.

<sup>(31)</sup> «Porê quãto á obseruaçã do nome antigo de Coimbra & se é á cidade de Eminiū q̄ Plinio cõ hũ rio n'esta mesma parte situa & Antonino assi mesmo duas legoas & mea de Conimbriga, de q̄ parece se faz mēçã no cõcilio Toletano III... nã é d'este presente lugar senã d'outro...»

Gaspar Barreiros — *Chorographia*, pag. 48 v.

<sup>(32)</sup> «Aeminium. Hodie Agueda nomen est oppido annisque commune.»

Joannes Hardinus — *Interpretatione et notis ad Plinii*;  
Ediç. de 1683, T. 1.º pag. 492.

— «Conimbrica oppidum fuit, nunc diritum *Condeja la veja* Condexa vetus. *Idem.*

<sup>(33)</sup> «A antiga Eminio, sobre cujas ruinas, ou a pouca distancia d'ellas, succedeu a pequena povoação de Agueda, no termo da villa de Aveiro, foy cidade Episcopal.»

F. Leitão Ferreira — *Catalogo dos Bispos de Coimbra nas Mem. da Academia de Historia Portugueza*, pag. 75.

<sup>(34)</sup> «Muitas das quaes forão (cidades) subjugadas pelas victoriosas Cohortes de *Decio Junio Bruto*; e as ruinas da antiga Talabrica ainda nos lembrão da sua animosa ferocidade; pois vindo soccorrer aos visinhos de *Eminio* hoje *Agueda*, experimentarão em sua cidade as iras do Vencedor.»

F. do Nascimento Silveira — *Mappa Breve da Lusitania antiga*, pag. 213.

<sup>(35)</sup> «...porta (de Coimbra) por onde se sahia pera *Eminio* que he a Villa de *Aguada* que em latim se chamaua *Eminium*.»

Fr. Leão de S. Thomaz — *Benedictina Lusitania*  
T. 2.º cap 3, pag. 331.

<sup>(36)</sup> Consulte mais: *Portugal Renascido*, onde se lê: «Que Agueda existisse... formada das ruinas da antiga *Eminio* nada menos parece certo.»

<sup>(37)</sup> «... Eminio está perto d'Aveiro no lugar donde agora chamam *Agueda*»

*Noticias de Portugal.*

<sup>(38)</sup> «...Eminium. Agora Agueda.»

*Catalogo dos Bispos do Porto*, pag. 42.

— Leia-se mais: «... erraram os que tiveram para si, que Coim-

Não faço mais citações, fastidiosas pela abundancia. Supponho ter demonstrado á evidencia, tanto pelos antigos como pelos modernos, a falsidade geographica do sabio allemão Hübner e de V. Ex.<sup>a</sup> que pretendeu defendel-o.

As opiniões que V. Ex.<sup>a</sup> me apresenta são filhas de uma pessima interpretação de Plinio; não colhem: as minhas, nascidas da sã critica de Rezende, que, ou V. Ex.<sup>a</sup> ha de acceitar ou repellir; se acceita, estende a mão á zoria, como se costuma dizer; se não, desdenha da opinião do nosso primeiro historiographo o sr. A. Herculano, que louva a boa critica de Rezende, e entrega-se cegamente nos braços do sabio do norte.

Ahi o deixo a V. Ex.<sup>a</sup> entre A. Herculano e Hübner, emquanto eu passo a tirar uma illacção do que escrevi, nesta segunda parte.

O *Itinerario* do Imperador Antonino Pio andava errado: André de Rezende restituiu-lhe a exactidão, permutando-lhe dois numeros. A cidade dos Romanos conhecida pelo nome de *Eminium*, ou *Aeminium* existio nas margens do rio *Agueda*, onde actualmente existe a povoação deste nome.

### III

Tentarei, por ultimo, rastrear por conjecturas e alguns dados historicos o tempo em que a *Eminio* desapareceu.

Na divisão ecclesiastica de Theodemiro em 569, feita no Concilio de Lugo, a sede da *Eminio* elemina-se e encorpora-se a Coimbra (Conimbrica). e 20 annos depois, em 589, anno em que se congregou o 3.<sup>o</sup> de Toledo, appareceu o Bispo da *Eminio*, Possidonio.

Notavel é este facto de que, volvidos apenas estes 20 annos, a *Eminium* reconquistasse seus antigos privilegios de Sé Episcopal. Explica-se, comtudo. <sup>(32)</sup>

bra antigamente se chamava *Monda*, ou fora *Eminio*, sem mais fundamento que o das suas mal assentadas conjecturas.»

*Extractos varios tirados do real Archivo da Torre do Tombo, relativos á Historia Ecclesiastica do Bispado de Coimbra*

Ms. da Bibliotheca Nacional de Lisboa. pag. 3 e pag. 12.

== Mendes da Silva, Pobl. Gen. Hisp. Descriptio Regn. Lusit.

== Padilha — In Chronolog. Episcop. folhas 16.

== Ortelius — In Tab. Hisp. antiquae.

== Cardin. d'Aguirre — Comp. T. 2, pag. 191.

<sup>(32)</sup> «Porque, posto que *Eminio* na mesma divisão de Theodemiro ficasse Parochia de Coimbra, comtudo, he muito provavel que depois

Esta divisão podia ser o primeiro passo para a sua ruína, se a não vissemos pouco depois em pleno goso de seus foros ecclesiasticos.

Em 675, anno em que Wamba fez nova divisão ecclesiastica, desaparece outra vez a Sé da Eminio, ficando sujeita ao Bispado de Coimbra. (40) Deste anno por diante é que eu supponho o successivo aniquillamento da *Eminio*. Privada daquella importancia que lhe dava a Sé que tinha; vendo surgir uma nova cidade nas margens do Mondego, com o nome da que havia sido destruida pelos suevos em 468, (41) pouco mais ou menos 200 annos antes desta divisão de Wamba, a sorte da *Eminio* é facil de prever: definiu, até que depois de 714 (42) a invasão arabe lhe passou por cima, não deixando alli mais do que um monte de ruinas, derruidas suas habitações até aos fundamentos, como era costume seu praticar.

Não dilato mais estas linhas. Diz-me a consciencia que respondi cabalmente a V. Ex.<sup>a</sup>: se, porém, o não fiz, releve-me a incompetencia, que justo era defender eu o que tinha escripto em 1861 na minha *Breve Memoria Historica acerca da Velha Coimbra*, com relação á *Eminio*, antiquissima cidade da Lusitania, varrida da superficie da terra pela passagem destruidora dos mussulmanos conquistadores e pela acção do tempo em seu desdobrar de seculos.

Tenho sido um artista trabalhador e amigo do estudo, consequentemente, não são de um homem de letras estas observações: são de um curioso; e, como taes, defeituosas e erradas, talvez. O espirito cultivado e recto de V. Ex.<sup>a</sup> ha de, assim o creio, remittir-me as faltas.

o proprio Theodemiro, ou seu filho Miro, aliás Aria-miro, lhe restituisse a antiga preeminencia de cidade Episcopal, pois o numero de Povo, a urgencia dos tempos, ou outras causas que hoje por falta de memorias ignoramos, e pedirão então assim, razão porque no 3.º Concilio de Toledo congregado em 589, subscreve *Possidonio Bispo Emilianense*, isto he, oitenta e seis annos anteriormente a divisão de Wamba.»

Leitão Ferreira — *Catalogo dos Bispos de Coimbra*, pag.

179, nas *Mem. da Acad. de Hist. Portugueza*.

(40) «Conimbricensis sedis teneat ipsam Conimbricam, Eminio, &.»

Divisio Wambae, T. 2.º pag. 304, n.º 34.

(41) «Conimbrica in pace decepta diripitur: domus destruantur; cum aliqua parte murorum, habitatoribusque captis atque dispersis, et regio desolatur et civitas.»

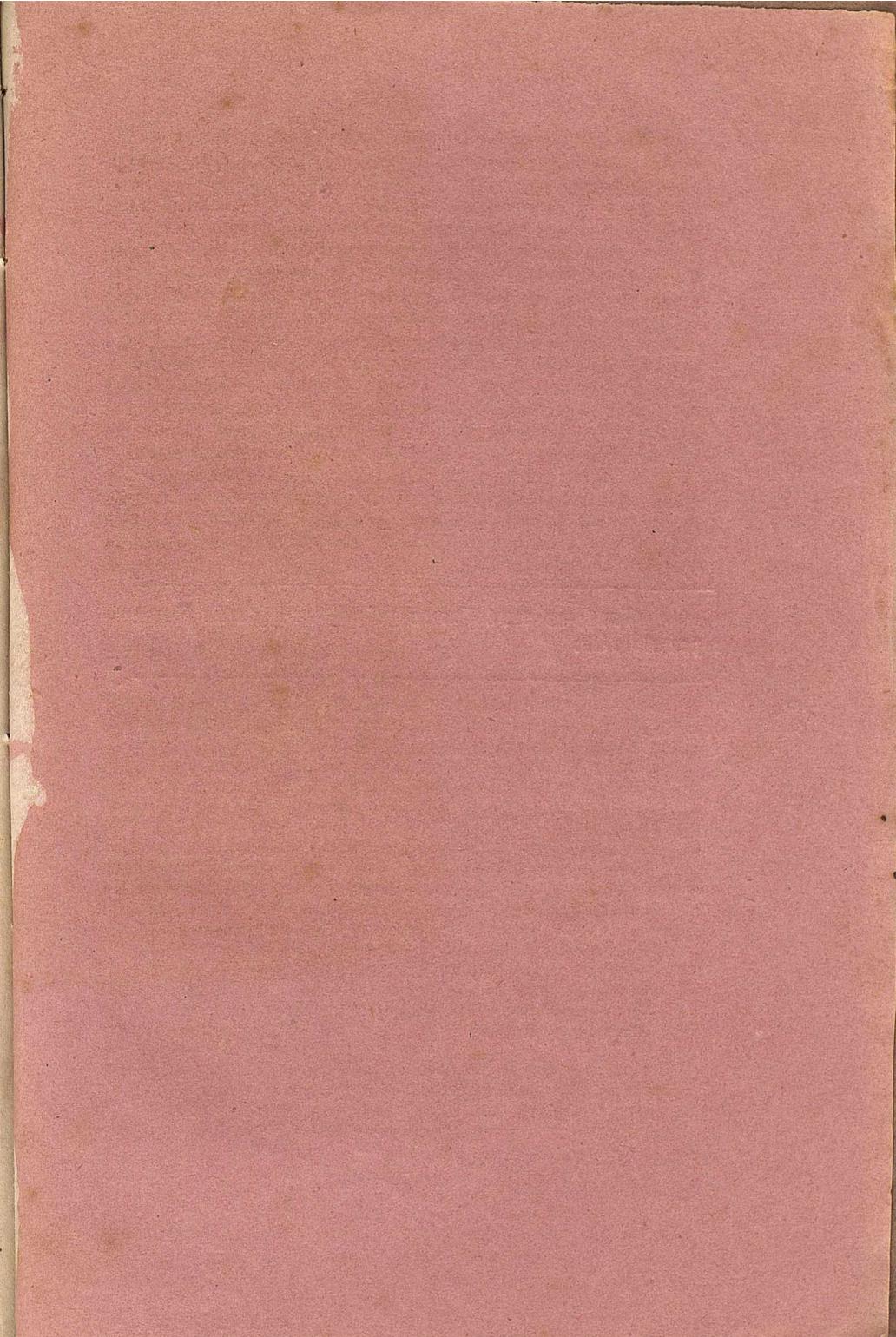
Idacio — *Chronicon*.

(42) «Corria o anno 714, e 'nelle acabava o poderio dos Godos, que por mais de tres seculos presidira aos destinos da peninsula!»

Sr. Dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco —

*Novos Elogios Historicos dos Reis*, pag. 23.





---

Vende-se em todas as principaes lojas de livros  
por 60 réis.

---

